

# **ALEXANDRIA, DE ALEJANDRO AMENÁBAR PROVOCAÇÕES PARA PENSAR A RELAÇÃO ENTRE RELIGIÃO E POLÍTICA\***

**Paulo César Barros SJ\*\***

**Título original *Ágora* (Espanha, 2009).**

*Diretor:* Alejandro Amenábar. *Atores principais:* Rachel Weisz (Hipácia), Max Minghella (Davus), Oscar Isaac (Orestes), Ashraf Barhom (Amônio), Michael Lonsdale (Teon), Rupert Evans (Sinésio), Homayoun Ershadi (Aspásio), Sammy Samir (Cirilo), Richard Durden (Olímpio), Omar Mostafa (Isidoro), Oshri Coen (Medoro), Yousef Sweid (Pedro).

Trata-se de uma grande produção, de 50 milhões de euros, com um elenco de importantes atores. Fazendo uso de técnicas cinematográficas modernas muito bem utilizadas, com o emprego de recursos da mais avançada tecnologia digital, *Alexandria* lembra as grandes produções épicas dos anos 50 e 60 do século passado.

## **Quadro histórico explorado pelo cineasta**

### **Alguns dados históricos**

Na produção de seu filme, Alejandro Amenábar serve-se do contexto histórico de Alexandria, no Egito, nos séculos IV e V. Aqueles tempos foram de muita agitação em decorrência dos atritos vividos entre grupos de convicções divergentes: pagãos, judeus e cristãos. Decididamente, não eram tempos de irenismo.

Em Alexandria desta época, havia a mais numerosa e mais famosa das colônias judias da Diáspora. A propósito deste fato, mencione-se a figura de Filão de Alexandria (ca.30 a.C. - ca.45 d.C.):

---

\* Artigo enviado em 23/12/2011, aprovado para publicação em 07/05/2012.

\*\* Professor do Departamento de Teologia da FAJE. Contato: pbarros@faculdadejesuita.edu.br

judeu helenista que influenciou os Padres da Igreja nos campos da exegese, da teologia e da espiritualidade.

Na vida interna da Igreja, é o tempo dos primeiros concílios ecumênicos. No século IV, ocorrem Niceia (325) e Constantinopla (381), e no século V, Éfeso (431) e Calcedônia (451). Colocam-se então as bases dogmáticas para a sustentação doutrinal da vida da Igreja.

Outro dado a salientar é que o cristianismo passa da condição de religião tolerada pelo Império romano (com Constantino, por ocasião do Edito de Milão, de 313) para o status de religião oficial do mesmo Império (com Teodósio, na promulgação do Edito de 380), o que se reflete na mudança das relações entre a Igreja e o poder político imperial. Em 392, o paganismo é proscrito.

O filme de Amenábar faz ainda menção à Biblioteca de Alexandria, como lugar de verdadeiro culto e de conservação da sabedoria humana. Aliás, é o que se depreende da fala de um personagem: "Nossa biblioteca é tudo o que resta da sabedoria dos homens".

## Personagens

**Hipácia** (ca.370-415) é uma filósofa neoplatônica, conhecedora de matemática, astronomia, e geometria. Sabe-se que comentou obras de Diofante, Claudio Ptolomeu, Apolônio de Perga, Euclides, porém seus escritos se perderam. É filha de Teon, um dos sábios da Biblioteca de Alexandria.

**Cirilo de Alexandria** (370/380-444). Em 412 sucedeu a seu tio Teófilo na cátedra episcopal de Alexandria, no contexto de um processo eleitoral que durou apenas três dias. Homem enérgico, prepotente até. Com sua ascensão ao episcopado, são favorecidas as hostilidades dos cristãos contra os pagãos e os judeus. Ademais, com Cirilo, o episcopado alexandrino de apropria do poder sobre as questões civis. Em âmbito intra-ecclesial, mencione-se o seu conflito com Nestório, patriarca de Constantinopla, em torno de questões cristológicas, iniciado em 428 e que resultou na convocação do Concílio de Éfeso, pelo imperador Teodósio II, realizado em 431. Celestino era o bispo de Roma na ocasião. Solicitado por Nestório, o Concílio de Éfeso, contudo, teve em Cirilo o seu "triunfador". Nestório é deposto da cátedra de Constantinopla. Após uma série de negociações, na data oficial de 12 de abril de 433, Alexandria e Antioquia se põem de acordo sobre uma profissão de fé. Cirilo escreveu muito; entre suas obras de teor polêmico, mencionem-se *Contra Iulianum*, que consiste numa confutação de uma obra de Juliano, o Apóstata, e *Contra os galileus*. Cirilo foi bispo de Alexandria por 32 anos.

**Sinésio** foi aluno de Hipácia. Convertido ao cristianismo, tornou-se bispo de Cirene. Em algumas de suas cartas demonstra verdadeira veneração pela antiga mestra.

**Orestes**, também ex-aluno de Hipácia, foi prefeito "augustal".

O filme apresenta ainda os assim chamados **parabalanos**. Eram uma espécie de enfermeiros da Igreja de Alexandria. No século V tornam-se uma corporação poderosa. Com a crise da morte de Hipácia, o imperador Teodósio restringiu os privilégios dos membros desta associação.

### **O caso da morte de Hipácia**

Num quadro de tensões políticas entre Cirilo e Orestes situa-se a morte de Hipácia, considerada como alguém que frustrava o progresso nas relações políticas entre ambos. Ora, em certa ocasião, o monge **Amônio** joga uma pedra na cabeça de Orestes, o que acirra as tensões entre os grupos que apoiam respectivamente o bispo e o prefeito. **Amônio**, torturado e morto, é proclamado mártir por Cirilo, quanto então recebe o título de Taumásio, o Admirável. Cirilo acabará por se arrepender deste gesto, em razão de reações subsequentes. Na primavera de 415, uma horda de parabalanos, sob a liderança de um "leitor" chamado Pedro, conduz Hipácia ao suplício da morte. Na opinião de Sócrates Escolástico (ou Sócrates de Constantinopla, 380/290 – 439/450), historiador antigo, "a vergonha deste crime recai sobre Cirilo e sobre a Igreja de Alexandria" [*HE VII, XV, 6*, in *Sources Chrétiennes* 506, pp. 60-61].

### **Elementos ficcionais introduzidos pelo cineasta**

São ficcionais o personagem Davus, cristão, escravo de Hipácia, apaixonado por ela, bem como o fato de Hipácia ter sido sufocada por ele, antes do apedrejamento perpetrado pelos parabalanos.

### **Problemas colocados pelo filme**

Mesmo que não tenha tido a intenção de fazê-lo, em sua película *Amenábar* põe em discussão alguns problemas, a começar por aquele das tensões entre a religião e a política. Ontem como hoje, religião e política se enfrentam na luta pela conquista de espaços, e tal ocorre frequentemente não sem violência. A lição a se aprender aqui é a de se recusar, em princípio, toda forma de fanatismo religioso, que sempre redunde em ódio, violência e opressão.

O papel que pode ter a religião, ou mais precisamente a teologia, na busca de solução para os graves problemas éticos que

nos afligem. Basta pensar nos problemas econômicos que resultam da indiferença frente aos valores éticos, ou mesmo, da rejeição destes valores. Ou ainda, nos problemas políticos: falta de confiança nas instituições políticas de representação popular e de gestão da *res publica*, por exemplo.

A atenção à pessoa como tal, sobretudo aos mais débeis. Pense-se na contribuição que pode dar, neste aspecto, a antropologia teológica, particularmente.

O filme *Alexandria* menciona dificuldades de convivência entre membros de tradições religiosas diferentes: problema do âmbito do diálogo inter-religioso. E ainda, tensões entre sínteses teológicas diferentes: a saber, Antioquia *versus* Alexandria, questão que se situa no âmbito do diálogo ecumênico.

Como não pensar na questão contemporânea do "neopaganismo", com a profusão de crenças, de "deuses", de opções religiosas? Ou ainda, no tema da tolerância, com todas as dificuldades a ela ligadas, na sociedade da globalização, da pós-modernidade e da hiper-informação?

### **Críticas ao filme**

Algumas críticas se fazem necessárias às abordagens de *Alexandria*. O cineasta projeta questões de nosso tempo numa realidade de quinze séculos atrás. Os anacronismos chegam a ser grosseiros. Da Alexandria dos séculos IV e V até hoje, passaram-se numerosos papas e autoridades políticas, Machiavel, Hobbes, Galileu, Kepler, a ciência moderna, as Luzes, a secularização etc.

A pregação de Cirilo, a partir da Primeira Carta a Timóteo, apresenta a questão da dominação do homem pela mulher como consequência da cristianização. Ora, é necessário aqui ter um olhar isento, e reconhecer qual era a condição da mulher naqueles tempos antigos, também sob a legislação pagã.

A ideia de que o poder da Igreja desde cedo triunfou sobre o poder político não procede. Ora, é necessário recordar que, desde Constantino até a reforma do papa Gregório VII (século XI), os imperadores eram, a um só tempo, chefes da Igreja e do Império. Eram tempos do regime do cesaropapismo, segundo o qual o imperador era o chefe da Igreja.

Hipácia que pensa como Galileu e Kepler é também outro anacronismo. Ver aqui a tensão, bem posterior, entre ciência e fé cristã, é um exagero. Não se pode esquecer que o judeu-cristianismo, a partir da confissão de um Deus criador, justamente favoreceu o labor científico como busca de desvelamento da natureza.

Frases de Hipácia: (a) "Como o círculo pode coexistir com formas tão impuras?" (a respeito do cone de Apolônio); (b) "Eu acredito em filosofia"; (c) "Sinésio, se não questiona o que acredita, você não pode acreditar. Eu preciso questionar", revelam o propósito

de elevá-la à condição de mártir da razão em oposição à fé supostamente obscurantista, da ciência em oposição à religião.

Convém recordar que, sobretudo no século XVIII, ocorreu uma idealização da figura de Hipácia, uma verdadeira "mitologização" de sua pessoa. Fizeram-se releituras de sua pessoa nem sempre apoiadas em séria pesquisa histórica. Tais releituras certamente foram exploradas pelo cineasta. Um exemplo: estudos há que reportam o nascimento de Hipácia a 355, o que significaria dizer que ela morreu com 60 anos, e não como mulher jovem, como quer Amenábar. Rachel Weisz, na ocasião das tomadas do filme, não tinha ainda quarenta anos.

Também as menções implícitas à inquisição (caça às bruxas), ao extermínio em massa de judeus, às guerras de religião (Europa, séculos XVI e XVII), constituem flagrantes exemplos de anacronismo.

Percebe-se certo maniqueísmo na construção da película da Amenábar. Os pagãos são representados como pessoas elegantes, pensantes. Os cristãos, como figuras detestáveis, violentas, agressivas, intolerantes. Exemplos desta visão simplista: (a) Enquanto Hipácia faz especulações sobre astronomia, os cristãos se perguntam se a terra é plana, como as estrelas se sustentam; (b) Teon fala de um homem que foi queimado na ágora pelos cristãos. Um detalhe significativo: Aos 42 min. de projeção, aparecem alguns insetos em movimento (seriam formigas?). Logo em seguida, dá-se a cena da proclamação do edito de Teodósio. Aos 51 min., na cena da invasão da Biblioteca de Alexandria e destruição dos rolos, há uma inversão de plano: a Biblioteca é colocada de "cabeça para baixo". Aos 52 min., ocorrem cenas em que os parabalanos são filmados desde perspectivas aéreas, como insetos que se movimentam apressadamente, como se fossem formigas ou baratas. O que estariam sugerindo estes recursos de linguagem cinematográfica?

Os conflitos de massa são exagerados, levados à violência pela violência. A violência atinge, simbolicamente, os espectadores, conforme a cena em que se respinga sangue na lente da câmera de filmagem.

O filme ignora os grandes filósofos cristãos de Alexandria, já que se trata de uma grotesca propaganda anticristã. Aliás, não inocentemente a abertura do filme fala do cristianismo como uma "religião implacável" (*religión imparable*).

Cirilo é responsável pela morte de Hipácia? Diretamente, como mandante, não. Indiretamente, por conta de seu conflito com Orestes e o concurso de monges fanáticos, que o apoiavam nestas lutas políticas, sim. Mas não deixam de ser exageradas as palavras que o cineasta põe na boca de Hipácia: "Orestes, Cirilo já venceu", como a sugerir que ela aceita o morte já imputada por Cirilo. Tanto é assim, que ela recusa a proteção dos soldados. Não podemos esquecer as lutas de Cirilo em prol da verdade cristã, ainda que se questionem os seus métodos. Aliás, como afirma Tillemont (1637-1698), *Mémoires pour servir à l'Histoire Ecclésiastique...*, XIV, Paris, 1709, 541: «Saint

Cyrille est saint, mais on ne peut pas dire que toutes ses actions soient saintes» (Citado em *Histoire des conciles œcuméniques*, vol. 2, p. 35).

Um filme é, na verdade, a imagem de algo. Não é a coisa em sua realidade. E os cineastas de servem de recursos cinematográficos *para enfatizar uma ideia e/ou para esconder outra*. Estes são problemas de filmes tipicamente "históricos". Podemos aqui distinguir três categorias de filmes desta natureza: (a) o cineasta se serve de fatos históricos para dizer a sua "história". A rigor, ele *não* tem a intenção de fazer uma reconstrução da história; (b) o cineasta quer fazer uma reconstrução histórica verdadeira. Por mais que se esforce, sempre ficará aquém da realidade representada. Afinal, nem os livros científicos de história são tão "fiéis" aos fatos narrados. A distância no tempo dificulta a reprodução exata, fidelíssima, dos eventos; (c) o cineasta quer realizar um filme de propaganda. Decididamente, *Alexandria* enquadra-se nesta terceira categoria, como filme de propaganda anticristã.

### **Amanábar nos provoca a avançar na discussão dos problemas colocados por *Alexandria***

O filme *Alexandria* nos convida ao exercício de recolocar, nas devidas proporções, a relação entre religião e política, a partir de uma pesquisa histórica séria, equilibrada e isenta. Somos assim provocados a voltar, na medida do possível, ao real contexto histórico das tensões no mundo antigo, e resgatar valores que nos façam avançar na busca de solução para os problemas hodiernos: raízes morais e culturais, a solidariedade e a fraternidade. Afinal de contas, não é isto que se entende por Tradição?